

A propósito duma nova edição de «O Anjo Ancorado» de José Cardoso Pires, o autor, professor búlgaro especialista de literatura portuguesa, fala de

Um escritor exigente

Peter Petrov

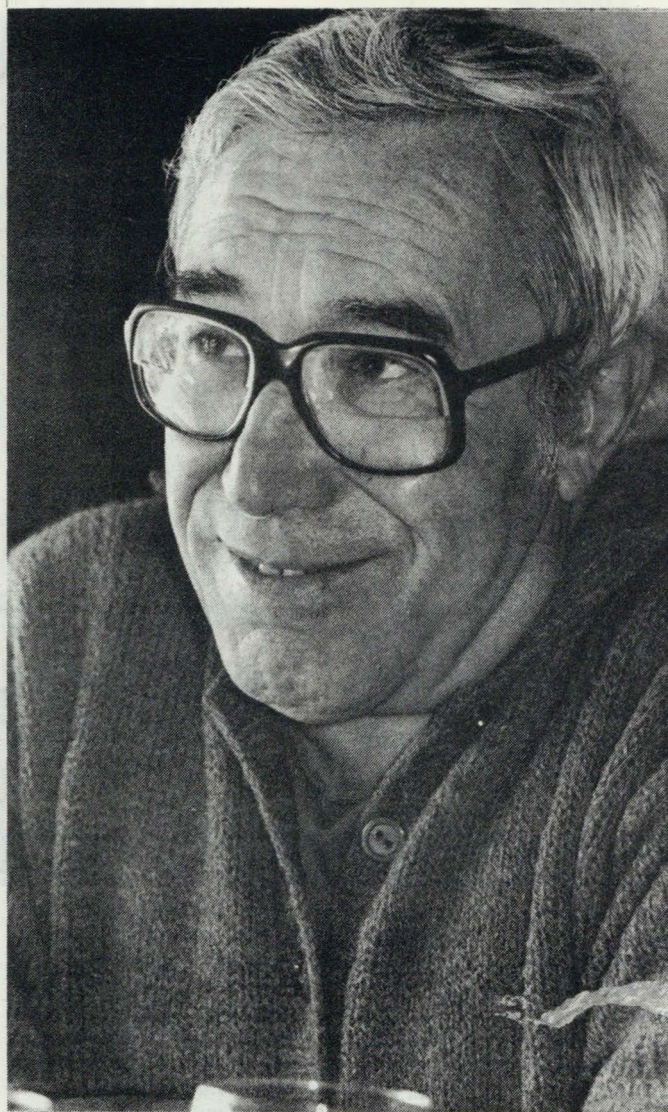
Aoitava edição de **O Anjo Ancorado**, de José Cardoso Pires, renova a nossa atenção relativamente a um escritor, cuja obra é uma das mais significativas da literatura portuguesa contemporânea.

De entre os vários géneros cultivados, como o conto, o romance, a fábulo, o teatro e o ensaio, é, provavelmente, a narrativa cardosiana que nos prende mais pelo modo particular de apresentar problemáticas existenciais precisas. Influenciado pelo neo-realismo dos anos 40, o escritor sofreu, desde as suas primeiras publicações, uma evolução artística que tem a ver com uma preocupação fundamental: a da renovação da escrita com recorrência a técnicas de vanguarda.

Sem nunca abandonar o objectivo de questionar determinados aspectos da sociedade portuguesa, José Cardoso Pires destaca-se pelo seu rigor analítico, pelo modo invulgar de interpretação dos caracteres humanos, com a análise subtil de sentimentos, e por um certo espírito satírico. No plano expressivo, temos uma linguagem vigorosa, ágil e alegórica, aliada a técnicas modernas de construção diegética. O seu realismo cristaliza num estilo original, exemplo do qual são, particularmente, os romances **O Delfim**, **Balada da Praia dos Cães** e **Alexandre Alpha**.

Avesso ao imediatismo que marcou os primeiros anos da estética neo-realista, José Cardoso Pires revela-se um escritor exigente e prova disso é o seu romance **O Anjo Ancorado**. Tendo por base uma história simples, que se reduz à breve visita de um casal da capital a uma aldeia de pescadores, a narrativa apresenta-nos a realidade de uma sociedade dividida por antagonismos latentes. Situamo-nos numa época determinada – ano de 1957 –, período de estagnação social na metrópole lusitana. A trama constrói-se por contrastes: de um lado «a aldeola da desgraça» (p. 71), cujos habitantes lutam pela sobrevivência, contra a fome e a miséria (o velho, o garoto e Ernestina); do outro, os dois visitantes privilegiados, restringindo o seu comportamento ao esquema banal da gratuidade. A dicotomia existencial e a hostilidade de ambos os lados são reforçados por vários eventos, entre os quais assinalamos as descrições originais de duas caças: a do velho, atrás de um perdigoto, para matar a fome, e a da pesca do mero, pelo protagonista, por puro prazer, por jogo.

A intriga centra-se, fundamentalmente, na actuação das duas personagens, ocupantes do «Talbot Lago, dois litros e meio» (p. 75). João, descendente da burguesia rural, quarentão, protótipo da personagem marialva, é símbolo de uma geração desencantada: «A malta de 45 tinha o romantismo das certezas» (p. 79). Guida, a sua companheira de viagem, «uma jovem da segunda geração» (p. 79), recém-formada em Letras,



José Cardoso Pires, «vigor analítico»

passa o tempo a interrogar-se, sendo comparada a uma «larva que se estuda à espera que o vento tombe a maçã» (p. 79).

Mais do que apresentar a oposição aberta entre dois mundos diferentes ou um eventual conflito entre duas gerações, **O Anjo Ancorado** tem por problemática central a denúncia de uma sociedade que aniquila, por completo, as tentativas de intervenção dos indivíduos. É o caso de João e Guida, mais um par de **desocupados** que povoa as narrativas de José Cardoso Pires, definidos, pelo próprio, como **criaturas privadas de meios de realização**.

A serviço desta ideia, há que destacar determinadas técnicas de narração que confirmam a modernidade da escrita deste autor. De entre os diferentes meios utilizados, como, por exemplo, a transfiguração, o visualismo cinematográfico e a linguagem viva, concisa e objectiva, sobressaem a caracterização das personagens principais e o estatuto do narrador.

Assim, João e Guida são caracterizados mediante o recurso híbrido de monólogo/diálogo. As inquietações, os anseios, a desilusão e a solidão de ambos são instituídos pelo seu modo de expressão, baseado, fundamentalmente, no **discurso abstracto**. Veículo de revelação inequívoca de uma determinada cosmovisão, a instaurar uma certa teatralidade comportamental, a abstracção revela a lucidez e o racionalismo dos dois protagonistas. Esta circunstância coloca-os na posição de críticos e conscientes da condição de apatia e contemplação

assumida, justificada por João no seguinte comentário: «Quando um país não dá para agir, contentamo-nos em pensar, que remédio» (p. 141). Tal como na **Notícia do Cerco de Bizâncio**, epígrafe do livro, João e Guida estão condenados a discutir o **sexo dos anjos**, bloqueados na sua acção criadora, analisando-se a si mesmos, desgastando-se em jogos de palavras.

Quanto ao sujeito de enunciação, o seu estatuto impõe uma leitura dificultada. Verifica-se o abandono da perspectiva omnipresente, tão típica de uma escrita que se pretende realista. O que domina é a alternância de pontos de vista, sendo os eventos transmitidos pelo prisma das diferentes personagens: João, Guida, o velho, o garoto... Há uma evidente tentativa de distanciamento por parte do narrador. Sentimos a sua presença, em particular nas quatro notas de rodapé, na intencionalidade da epígrafe e no pós-fácio do livro. Esta aparente **neutralidade** do sujeito de enunciação, a remeter para o impessoalismo, conota uma posição de **perplexidade** perante uma época de flagrante desilusão, desespero e desencano.

Com a sua intriga fechada, **O Anjo Ancorado** é o retrato também de um mundo fechado, aparentemente impenetrável e impassível. Enclausurados no tempo e no espaço, físico e social, de uma época de obscurantismo, João e Guida estão à espera de revelação. Tal como os seus conterrâneos, os habitantes da aldeia, os alienados. Tal como dois **anjos**, à espera de serem **desancorados**.